

ENSINO HÍBRIDO: DUAS FACES UM SÓ ENSINO

Rosa Maria Maia Gouvêa Esteves
rosamag@globo.com
AEDB

Resumo: Este artigo é parte dos resultados das pesquisas elaboradas para a tese de doutoramento na Universidade Estácio de Sá (UNESA), Rio de Janeiro, que abordou um estudo sobre a aplicação do Ensino Híbrido no Ensino Superior, quando foi discutido suas diferentes abordagens para redimensionamento de propostas para a educação. Primeiramente, constrói-se uma concepção pedagógica para fundamentar o Ensino Híbrido, recorrendo-se a diversos autores, ao buscar um respaldo para entendimento e aplicação do Ensino Híbrido, neste nível de ensino. Foram percorridos a história, a teoria dos híbridos e sua conceituação, assim como foram investigadas diferentes práticas híbridas em escolas nacionais e internacionais que aplicam este tipo de ensino, no sentido de perceber sua implementação e execução, e como estes resultados podem contribuir para mudanças de estratégias pedagógicas na melhoria do processo ensino-aprendizagem, nas instituições educacionais superiores.

Palavras Chave: Ensino Híbrido - Concepção - Inovação - -

1 INTRODUÇÃO

Afinal, o que é ensino híbrido e de que forma essa nova maneira de fazer educação pode concorrer para que se tenha um aluno envolvido no processo ensino aprendizagem, e que este envolvimento se traduza em bons resultados na aquisição de competências e habilidades? Pontuar esse percurso pode ser esclarecedor para os professores que estiverem dispostos a procurar novas alternativas para o desenvolvimento de sua docência.

Este artigo busca, trazer reflexões para que se possa abrir uma via, percorrendo diferentes trajetórias para traçar um painel de como se configuram estas discussões ricas de propostas e práticas, uma vez que já se tem docentes que ousam buscar soluções não convencionais para inovarem, ou até mesmo, aqueles que rompem com tudo que já foi construído e mergulham em uma inovação disruptiva,

Várias serão as incursões da pesquisadora para esclarecer conceitos, apresentar práticas e trazer um entendimento das diferentes facetas que envolvem falar de ensino híbrido, que está ancorado em concepções, ações e atitudes que ao mesmo tempo que conversa com o ensino tradicional, quer implantar um fazer que também conversa com tecnologia da informação e da comunicação, em sintonia com o que se deseja para o aprendizado, que implica em seleção de conteúdos e como serão tratados para efetiva apreensão dos alunos.

2 FUNDAMENTOS PARA UM ENSINO HÍBRIDO

Falar de ensino híbrido é percorrer um caminho para entendimento de correntes do pensamento que, na visão da pesquisadora, fazem interface com o objeto da pesquisa investigado, e, por isso, serão tomados como fundantes para compreensão de como técnicas e práticas foram concebidas nos currículos educacionais e de como se pode avançar num caminho sem cair em atalhos, que podem distrair e perder a visão para clarificar as ideias e compor um quadro conceitual para dar consistência ao que se pretende.

Assim, recorre-se a Dewey (2002) que faz um contraponto às correntes filosóficas vigentes em sua época e funda com Henry James e Charles Pierce o pragmatismo¹, mas vai além, e prefere que esse movimento filosófico seja denominado de instrumentalismo, ao trazer uma conotação diferenciada para os termos – uma vez que preconiza que as ideias só têm sentido, se anunciadas para resolução de problemas da vida. Assim, propõe que as crianças deveriam desenvolver um pensamento que estivesse contextualizado num mundo real, sintonizado com o cotidiano e com suas vivências.

O currículo deveria ter atividades desafiadoras que levassem à experimentação e ao entendimento dos fenômenos pela lógica apresentada naquela situação, sem sobressaltos, mas com elementos que estivessem inseridos na cena. Dewey (2002, p. 19 e 20) tem uma visão bem peculiar de ver o mundo, quando diz:

Custa crer que, em toda a história da humanidade, tenha havido uma revolução tão rápida, tão extensa e tão completa. Em consequência disso, a face da Terra está a ser alterada, mesmo no que tange à sua configuração física; as fronteiras políticas são apagadas e deslocadas, como se realmente não passassem de linhas num mapa de papel; a população concentra-se apressadamente em cidades, vinda dos quatros cantos do Planeta; os hábitos de vida são alterados

¹O pragmatismo, segundo James (2006) é uma palavra que deriva do grego que significa ação, da qual vêm as palavras prática e prático. Esse termo foi utilizado primeiramente por Charles Peirce, em 1878 em um artigo intitulado “Como tornar claras as nossas ideias” publicado no Science Monthly, que salientava que nossas crenças nos direcionam. Esta corrente filosófica, estabelecida no final do século XIX, liderada por Charles Sanders Peirce, por William James e pelo Oliver Wendell Holmes, afastam-se das abstrações e da insuficiência das soluções verbais, das más razões *a priori*, dos princípios fechados e volta-se para o concreto.

com uma presteza e profundidade assustadora; a busca das leis da natureza é infinitamente estimulada e facilitada, e a respectiva aplicação à vida quotidiana torna-se não apenas possível, mas comercialmente indispensável. Até mesmo as nossas ideias e propensões morais e religiosas, que são as conservadoras, dado que mais arraigados da nossa natureza, acabam por ser profundamente afetados. Pensar que esta revolução não afetará a educação senão dum modo formal e superficial, é inconcebível.

Dewey (2002) traz muitas ideias para serem debatidas em seu livro “A Escola e a Sociedade e a Criança e o Currículo”. No decorrer da obra, mostra sua preocupação com as questões do seu tempo, e como a escola se situará nesse universo, em que todos possam ter a mesma oportunidade de estudar e principalmente de aprender. Quando traz a ideia de democracia, há um entendimento de que a educação deve ser para todos, sua visão inovadora aponta à forma metodológica que os conteúdos deveriam ser ministrados aos alunos, dá extremo valor à pesquisa para que se crie uma cultura de investigação por meio das atividades oferecidas na dinamização do currículo. E ainda alerta que os ambientes e a maturidade dos alunos devem ser considerados no processo ensino-aprendizagem.

Na visão de Dewey (2002) a escola é um lugar em que se produz conhecimento e não apenas onde se recebe conteúdos prontos para o consumo. O aprendizado não deve ser uma preparação para a vida, mas um processo que faça sentido no cotidiano, de forma democrática, com vistas a que esse princípio possa refletir na sociedade, uma vez que as crianças vivenciaram tais práticas no dia a dia da escola. Nada está pronto e acabado, tudo que o aluno aprende, precisa primar pelo significado, o conhecimento construído deve favorecer o desenvolvimento das pessoas, vinculados ao bem estar da comunidade.

Outra questão levantada é em relação ao sistema escolar que deve promover a integração dos níveis do ensino para que não haja rupturas na aprendizagem dos alunos, quando são promovidos de um nível para o outro. Mais um ponto evidenciado é sobre a própria organização dos espaços da escola, pois estes necessitam estar articulados para otimizar os conhecimentos construídos, nos diferentes ambientes da escola, isto é, o que é elaborado, deve ser compartilhado com todos, em diferentes ambientes (laboratórios, biblioteca, salas de arte e música), dando destaque aos trabalhos realizados pelas turmas e trazendo a ideia que o elaborado deve ser explorado em suas diferentes interfaces.

Silva (2010) também comenta a respeito do posicionamento de Dewey sobre esses direcionamentos, afirmando que os currículos deveriam ser pautados nos interesses e nas experiências das crianças e dos jovens. Aqui, são levantados alguns elementos que podem ser prenúncios do que se deseja apontar hoje para a educação. Nessa trajetória, Kilpatrick (2006) também traz contribuições na forma de trabalhar com os alunos, propondo o “Método de Projetos” como forma de colocar o aluno no centro do processo ensino aprendizagem e trazendo outras formas de aprender.

Bin (2012), que fez um estudo sobre a obra de Kilpatrick, revela que em seu artigo publicado em 1918 sobre o “Método de Projeto”, que este método traz em sua concepção, o ato intencional, cujo foco está na ação do sujeito que dirige seu esforço para a atividade que deve ser exercida, movido pelo interesse para concretizar o que se projetou. Kilpatrick entende que esta forma de trabalho mobiliza o indivíduo na busca do que almeja.

Hernández e Ventura (1998) vinculam suas propostas trazendo outros elementos ao trabalho de Kilpatrick e o denominam de “Projeto de Trabalho”. Apontam como elementos desse projeto, a partir do conhecimento globalizado, que muda a percepção do modo de ver o mundo, aqueles significativos, pois qualquer conhecimento não basta; e o entendimento que o conhecimento é relacional, uma vez que os mesmos não estão soltos, mas se relacionam num todo para que haja compreensão. Assim, os “Projetos de Trabalho” propiciam favorecer o



tratamento da informação e a relação desses diferentes saberes em torno do objeto de estudo eleito pelos alunos, que pode ser realizado de diferentes formas, dependendo de como a comunidade educativa tratará o tema.

Hernandez e Ventura (1998) traçam um plano para o sucesso do “Projeto de Trabalho”, o descrevem como primordial na busca das fontes de informação, tendo como pontapé inicial a escolha do tema a ser investigado, depois elaboração de índice como estratégia de aprendizagem, visando levantar os conteúdos que serão estudados, assim, romper a barreira do compartilhamento dos conhecimentos.

Tanto alunos como professores terão agendas que conduzam para outros aportes. A pesquisa, a sistematização, o planejamento, o engajamento são algumas âncoras desse processo de aprendizagem, em que os alunos são os protagonistas da ação e os professores os orientadores e mediadores desse processo.

Ainda dentro dessa visão, existem outros quesitos que podem ser elencados como: a aproximação da identidade dos alunos com os assuntos que serão discutidos; a inclusão de ideia de pertencimento e a possibilidade de revisão do currículo elaborado por disciplinas, ao trazer para o centro da discussão não conteúdos atomizados, mas que façam relação com a vida e com os problemas em que os alunos estejam envolvidos a fim de que haja significância e engajamento.

Na “Sociedade da Informação”, o aluno necessita aprender a dialogar com os mais diversos interlocutores, assim como saber separar as informações de maneira crítica e buscar respostas para as mudanças sociais. De que forma isso será possível? Que arranjos a escola terá que fazer para corresponder o que se espera no desenvolvimento de competências para os alunos do Século XXI? Que discussões deverão ser absorvidas na formulação dos currículos para que novas formas de construir o conhecimento sejam possíveis?

Hernandez (1998) em seu livro “Transgressão e Mudança na Educação” faz algumas considerações que vale a pena refletir, afirma a respeito da urgência da mudança para lidar com a informação.

Cada dia se guardam aproximadamente 20 milhões de palavras de informação técnica. Um leitor capaz de ler 1.000 palavras por minuto necessitaria um mês e meio, lendo oito horas por dia, para poder ler a informação recolhida num só dia. O que significa que as possibilidades de acesso à informação vão além do professorado e dos livros-texto. Produziu-se mais informação durante os últimos 30 anos do que nos últimos 5.000. Mais de 9.000 revistas são publicadas a cada ano nos Estados Unidos e quase 1.000 livros se publicam a cada dia no mundo. O que quer dizer que é necessário aprender a selecionar a informação que se produz e do qual dispomos. A edição do fim-de-semana de The New York Times contém mais informações do que uma pessoa média poderia ter acesso ao longo de sua vida na Inglaterra no século XVII. O que leva a estabelecer-se como ensinar a interpretar a informação e relacioná-la criticamente com outras fontes. (HERNANDEZ, 1998, p. 65)

Existem perguntas que podem ser feitas a partir do texto acima. Como a escola lida com tantas informações? Que critérios devem ser ensinados aos alunos para que selecionem informações com propriedade? Como desenvolver competências, sejam de ordem pessoal, social e profissional para estar inserido nesse mundo? Que estratégias devem as escolas adotar para que os alunos possam construir conhecimentos, com espírito crítico, com foco e sabendo que no HD pessoal não cabem todas as informações a que estamos expostos todos os dias?

Assim, desenvolver “Projeto de Trabalho” é entender a complexidade do conhecimento escolar, é planejar trabalhos que vão além das disciplinas, dar um sentido para a aquisição do conhecimento, voltado para a aplicabilidade dos mesmos, visando ao desenvolvimento de um pensamento estratégico frente aos problemas que são apresentados, que podem ser de diferentes

naturezas. Além do que, esse tipo de trabalho propicia a iniciativa pessoal, a tomada de decisão, a integração e a comunicação entre os membros do grupo.

Dentro dessa trajetória de trazer fundamentos para o Ensino Híbrido, têm-se outros autores como Perrenoud (1999) e Moran (2011) que vão nos abastecer de como educar em tempos de *Internet*. Perrenoud (1999) discute a necessidade dos currículos serem formulados por competências e traz à tona a questão da reorganização dos currículos em uma outra lógica para que os alunos construam conhecimentos.

De acordo com o autor, a forma como as escolas ensinam, embora se tenha um discurso que o ensino é por competência, o que se vê, são conteúdos desarticulados das situações práticas da vida, uma vez que, quando foram aprendidos, simplesmente foram absorvidos em seu aspecto conceitual, sem pensar em seus aspectos procedimentais e atitudinais.

Assim, Perrenoud (1999, p. 7) conceitua competência,

São múltiplos os significados da noção de competência. Eu a definirei aqui como sendo uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. Para enfrentar uma situação da melhor maneira possível, deve-se, via de regra, pôr em ação e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais estão os conhecimentos.

Para dar conta de um currículo pautado em competências, em primeiro lugar, tem-se que se estudar como os conteúdos se articulam para que se possa avançar. Nesse sentido, não se deve pensar em competências somente nos aspectos profissionais, mas sempre, uma vez que se aprende o tempo todo e se faz urgente saber o que fazer com tantos conteúdos, para que não tenham fim em si mesmos, e que sejam utilizados como meio e não como fim.

Já Morin (2011) traz uma discussão profunda sobre o conhecimento e, principalmente, ao falar como este conhecimento será tratado em uma “educação do futuro”, alerta para as problemáticas representadas por saberes fragmentados, na contramão de uma realidade “multidisciplinar, transversal, multidimensional, transnacional, global e planetário”. Como encaminhar para um entendimento de conhecimento num mundo com tantas facetas e transbordando de informações? Quais serão úteis para a vida pessoal, social e profissional, uma vez que os envolvidos terão que organizá-las e articulá-las? Assim, cabe um papel muito importante à Educação, que terá que dizer como o conhecimento pertinente será construído.

Na busca desse conhecimento pertinente, é preciso analisar contexto, uma vez que as palavras se revestem de um determinado significado, desde que pensadas sobre o que quer anunciar, que dependendo de como é utilizada remeterá a outro universo de signos. Quando Morin (2011) aborda o global, mostra a teia que forma do todo com as partes, e ainda afirma que o todo tem qualidade ou propriedade que não são encontradas nas partes, mas se as partes estiverem isoladas, podem não estarem representadas no todo. Portanto, alerta para o princípio de Pascal²:

Sendo todas as coisas causadas e causadoras, ajudadas ou ajudantes, mediatas e imediatas, e sustentando-se todas por um elo natural e insensível que une as mais distantes e as mais diferentes, considero ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tampouco conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes. (PASCAL 1976 apud MORIN, 2011, p.35)

2 Segundo o site e-física USP (2017) uma das propriedades mais interessantes de um líquido, e que acaba resultando em aplicações úteis, é, quando aumentamos a pressão sobre a sua superfície superior, o aumento da pressão se transmite a todos os pontos do fluido. Este fato é conhecido como Princípio de Pascal. “O aumento da pressão exercida em um líquido em equilíbrio é transmitido integralmente a todos os pontos do líquido bem como às paredes do recipiente em que ele está contido.”



Quando Morin fala sobre a ideia de global, mas recheada do significado do que é “ser global” e para isso recorre a um exemplo do nosso corpo, e coloca que cada célula contém o patrimônio genético de um organismo, fica claro que cada parte possui traços do todo. Ainda foca o multidimensional, isto é, o ser humano é biológico, social, psicológico, racional e afetivo, assim também ocorrerá em relação aos aspectos sociais e leva em consideração e ainda aborda o complexo, que significa “união entre a unidade e a multiplicidade”. Só assim se operará a mudança tão necessária à educação em tempos de comunicações tão velozes e densas.

Para construir um caminho rumo ao Ensino Híbrido, se faz necessário pensar que ensino se quer neste novo tempo e pautado em que princípios. Alguns questionamentos surgem. O conhecimento sobre o quê? Aprender para quê? O conhecimento é para quem? O conhecimento serve para quê? A que propósitos servem as mudanças postas? Como os conhecimentos podem ser operados ou manipulados? Nestes tempos de mudanças súbitas, como a Educação poderá percorrer um caminho e que modos operantes formarão o cidadão do mundo com competências que o farão transitar, tanto nas atividades de vida prática, como nas profissionais?

Não é, simplesmente, dizer que basta a forma para selar o contexto, precisa-se estar atento às escolhas das concepções do ensino que vão direcionar a rota para o alcance dos propósitos traçados. As concepções são preciosas, uma vez que determinam os demais pontos do caminho, os valores, o ensino, a aprendizagem, a avaliação, os relacionamentos interpessoais, a relação com a comunidade (professores, alunos, pais) e os espaços educacionais de ensinagem. Como romper determinadas barreiras para vislumbrar um ensino e uma aprendizagem que dê conta de uma civilização em mudança, como já anunciavam Dewey e Kilpatrick?

2.1 HISTORICIANDO O ENSINO HÍBRIDO

A fim de entender como essas questões da Educação foram pensadas ao longo do Século XIX e XX e como desembarcam no século XXI, inclusive para pensar que reflexões são necessárias, e que aproximações são possíveis das formas de ensinagem de um mundo bem diferente, até o encontro com o ensino híbrido. Mas, para dar início a este estudo pergunta-se: o que é ensino híbrido? Que aspectos da vida contemporânea são evidenciados e que deram contornos a outras propostas educacionais?

Surge, a partir de uma necessidade de atendimento aos alunos, o ensino híbrido, como Horn e Staker (2015) relatam, este é introduzido para fazer o contraponto ao modelo industrial de educação, que se caracterizava por uma educação massiva, como uma produção em série, distribuídos em turmas, horários, turnos, idade-séries, tempo de aula e conteúdos para atendimento a um público específico, num único local, um atendimento a todos. A Escola de Ensino Fundamental Santa Rita, no distrito Escolar Los Altos, na Califórnia exemplifica, relatando que tinha um aluno com dificuldade em álgebra e não conseguia acompanhar a turma. Devido a sua defasagem, a escola optou pela utilização de exercícios *on-line* da Khan Academy³, que foram cumpridos pelo estudante e apresentado um bom nível de satisfação, a partir dessa experiência bem sucedida, a escola desencadeou várias experiências, percebendo que poderia ajudar muitos alunos com o mesmo procedimento.

³ A Khan Academy é o maior site para aprender matemática do mundo. Criada em 2006 pelo educador americano Salman Khan, ela oferece videoaulas e mais de 300 mil exercícios completamente gratuitos que podem ser acessados a qualquer hora do dia. O *site* Khan Academy (2017) oferece ensino personalizado: reconhece quais habilidades o aluno domina e quais ainda precisa praticar. Além disso, o professor tem acesso imediato ao desempenho de seus alunos, podendo identificar as dificuldades de cada um. Basta ter um computador com acesso à Internet.

Ao aprofundar esse episódio, segundo os autores, resolver problemas crônicos é o desafio posto às instituições educacionais que precisam formar para a sociedade contemporânea, uma vez que se faz necessário trabalhadores intelectuais, tempo em que outras demandas são requeridas como, por exemplo, uma formação mais ampla, com aquisição determinadas habilidades e com visão de mundo.

Dessa forma, pergunta-se: quais serão as oportunidades oferecidas aos alunos que abandonam a escola? Como levar os alunos a superarem as dificuldades do aprendizado, em relação a determinados conteúdos, com apoio de outras estratégias, que não sejam as convencionais? Que ação a escola poderá ter para sanar tais eventos? Assim, frente a esses gargalos, surgem outros questionamentos feitos pelas escolas, voltando à tona temas como: ter a mesma idade não significa aprender da mesma forma; cada um aprende no seu ritmo; os alunos possuem aptidões e níveis de conhecimentos prévios diferentes, que impactarão o seu aprender. Urge a necessidade de customizar ou personalizar a educação para atendimento aos alunos.

Assim, Horn e Staker (2015) trazem para o centro da discussão uma aprendizagem centrada no aluno por meio de um ensino personalizado, baseado em competências ou em “aprendizagem baseada em domínio”, na modalidade *on-line*, pois acreditam que isso oportuniza desenvolver, no aluno, um sentido de responsabilidade por seu próprio progresso. Também discutem a prevenção, no sentido de não permitirem que os alunos fracassem e que os mais avançados não fiquem desmotivados. Assim, como oferecer outras oportunidades de estudos, num mundo conectado? Que estratégias podem ser adotadas para cortar custos das escolas e alcançar o resultado esperado?

Os Estados Unidos da América criaram um Programa de intervenção da leitura chamado de Sholastic READ 180 (programa *on-line* para desenvolver a compreensão de leitura, vocabulário e habilidade de escrita dos estudantes da Educação Básica). A princípio, as escolas utilizavam o programa por meio de CD-ROM, posteriormente, migraram para *Internet*. Implementado desde 1998, e até 2015 atendeu a 1,3 milhões de estudantes em mais de 40 mil salas de aula. Os especialistas do Grupo de Educação Evergreen apontam que mais de 75% dos distritos oferecem opções *on-line* ou híbridas para o ensino e, além dessas medidas, houve um grande investimento em computadores nas escolas, mas com um tímido resultado do desempenho dos alunos.

De olho nas oportunidades, os gestores das escolas buscaram unir o ensino *on-line* com as experiências das escolas tradicionais. Esse esforço de junção das experiências produziu o termo “ensino híbrido”. Não é simplesmente migrar, mas perceber o que pode ser feito para avançar nestes tempos de *Internet*, sabe-se que países têm feito um esforço para incorporar as tecnologias da comunicação e da informação à educação, para tanto discutiram e elaboraram agendas próprias e, no Brasil, também, não foi diferente.

No Brasil, tem-se o Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB) - uma associação sem fins lucrativos, criada para dar visibilidade, de forma sistematizada as ações das políticas educacionais no Brasil, no que tange a um ecossistema de inovação e tecnologia, além de comparar as ações nacionais com as de outros países. Ainda, aponta parâmetros de análises, tais como: visão, competência, conteúdos e recursos digitais e infraestrutura para que se possa avançar na consolidação da política enunciada.

O Brasil possui vários documentos legais que dão respaldo técnico ao uso das Tecnologias da Comunicação e da Informação enunciados na Constituição Brasileira (BRASIL, 1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e no Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014), cujos preceitos trazem a possibilidade de um trabalho com TIC desde Educação Básica até o Ensino Superior, sem contar os programas que foram desencadeados dentro dos parâmetros de análise, acima citados.

2.2 A TEORIA DOS HÍBRIDOS

Os híbridos surgem como novas formas de pensar um determinado assunto/problema/objeto de pesquisa e que só se configurará em um novo paradigma, se não for suficiente para responder ao que se quer. Quando algo novo surge, como por exemplo, a substituição de uma tecnologia pela outra, esta só será substituída quando a velha tecnologia não estiver mais presente. Horn e Staker (2015) citam vários exemplos, como a substituição do navio à vela pelo navio a vapor, o carro à gasolina pelo carro elétrico e muitos outros poderiam ser descritos. A esta questão chamam de teoria híbrida sustentável, isto é, quando não há migração da tecnologia.

Mas, a partir do momento em que este modelo não responde mais, constroem-se outros, como a Teoria dos Híbridos disruptiva que significa quebrar o que até o momento está posto, e construir novos caminhos para o que se pretende. Nesse caso, tem-se a educação em parceria com a tecnologia, cujo papel é secundário. É preciso lembrar que todos os modelos passam por gerenciamento do processo ensino-aprendizagem, pelos objetivos que se quer atingir, infraestrutura e pelos recursos digitais disponíveis.

A Teoria dos Híbridos possui as seguintes características, segundo Horn e Staker (2015) como relatadas a seguir: as inovações híbridas incluem tanto a tecnologia antiga como a nova – neste caso, convivem o modelo antigo com o novo, até que se possa se fato abandonar o velho e ficar só com o novo; as inovações híbridas lidam com clientes já existentes, sem pensar em ganhar novos – o que se faz em termo de inovação, nesse primeiro momento é manter o público que já se conhece, sem pensar em ganhar outros nichos; os clientes desejam que as regras sejam superadas, mas em convívio com as regras existentes – é uma questão de segurança. Não sabem como algo se comporta, portanto, é melhor não se aventurar ou ariscar no que não se sabe o resultado; e as inovações híbridas são mais difíceis de serem operadas do que as disruptivas, porque para lidar com o novo, é necessário saber transitar tanto no velho como no novo.

2.3 CONCEITUANDO O ENSINO HÍBRIDO

Horn e Staker (2015), a partir de 2010, entrevistaram educadores de mais de 150 programas de ensino híbrido para chegarem a uma definição para o termo e que permitisse dar conta de um conceito que não se confundisse com formas diferenciadas do uso da tecnologia na Educação. Assim, propõem três partes para este conceito:

1ª parte: Por meio do ensino *on-line* - “Ensino Híbrido é qualquer programa educacional formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino *on-line*, com algum elemento de controle [por parte] do estudante sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou o ritmo”. (HORN; STAKER, 2015, p.35)

2ª parte: Em um lugar físico supervisionado - O estudante estuda parte *on-line* e terá o restante de currículo desenvolvido de forma tradicional, presencial e será supervisionado por seus professores.

3ª parte: Aprendizagem integrada da disciplina/matéria *on-line* - Os componentes *on-line* e presencial precisam estar integrados para que os alunos percebem que os conteúdos estudados se articulam e se complementam.

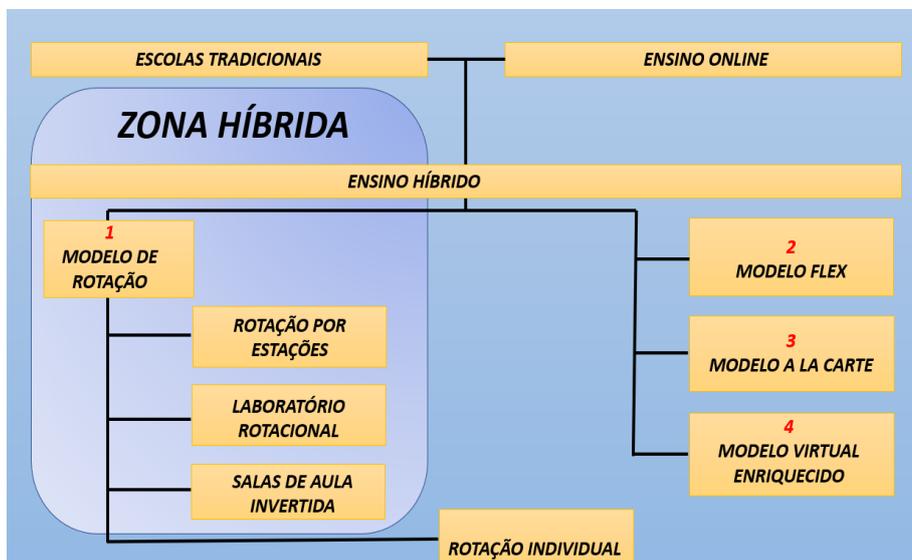
Compactuando com os autores acima citados, Moran (2015) conceitua híbrido como misturado e *blended*, por combinar vários elementos para seu funcionamento. Nestes tempos de conectividade, as formas de combinação são variadas, e não se prende a modelos já postos e abertos para inovar o seu fazer, de acordo com o projeto institucional construído pela comunidade escolar.

Bacich, Neto e Trevisan (2015) trazem o conceito de como ensino híbrido foi concebido, um modelo em que o método tradicional e presencial se mistura com o ensino a distância e, em alguns casos, existem disciplinas que são ministradas totalmente *on-line*. Segundo os autores, esse conceito evoluiu, não existe uma única forma de aprender. O modelo híbrido pode focar projetos de vida, metodologias ativas, personalização, desenvolvimentos de competências com tecnologias digitais.

2.3.1 FORMAS DE ENSINO HÍBRIDO

Bacich, Neto e Trevisan (2015) citam quatro modalidades principais do Ensino Híbrido, criadas pelos pesquisadores do Clayton Christensen Institute: (1) Rotação e suas modalidades, (2) Rotação Individual (3) Flex, (4) à La Carte e (5) Virtual Enriquecido. Muitas vezes as escolas mesclam diferentes formas para criar um programa próprio para o desenvolvimento de seus alunos

Figura 3 - Modelos de Ensino Híbrido



Fonte: CHRISTENSEN, C.M.; HORN, M. B.; STAKER, H. *Ensino híbrido: uma inovação disruptiva? uma introdução à teoria dos híbridos*. Pensilvânia: Fundação Lehman/Instituto Pensilvânia, 2013.

1) Modelo Rotação: esta modalidade pode ser utilizada para um curso ou disciplina e, a critério do professor, uma das propostas seja *on-line*, quando se trabalha com um grupo via plataforma digital, e em outros grupos que se alternam entre projetos realizadas em sala e tarefas realizadas com o professor tirando as dúvidas. Este modelo rotação pode ser conduzido das seguintes maneiras: (1a) Rotação por estação, (1b) Laboratório Rotacional e (1c) Sala de Aula Invertida, que serão abaixo comentadas.

1a) Rotação por Estação - pode ser ensino conduzido, por exemplo, com a divisão em pequenos grupos, com realização de tarefas diversificadas. Alternar atividades individuais com atividades colaborativas. O professor pode estar mais presente em determinados grupos e, em outros, os alunos podem atuar de forma mais autônoma.

1b) Laboratório Rotacional - os estudantes se encaminham para ao laboratório de informática para parte de ensino *on-line* do curso/disciplina. A intenção é que possam realizar essas atividades de forma individual e acompanhados por monitores: integrar a sala de aula tradicional com as atividades de laboratório. O professor fica em sala com aqueles que não foram para a atividade individualizada do laboratório.

1c) Sala de Aula Invertida - os estudantes efetuam atividades assíncronas e as de apoio ao ensino tradicional. A parte teórica da disciplina é estudada em casa, disponibilizada em plataforma/site. O espaço da sala de aula é utilizado para a resolução de problemas, estudo de caso, mesa redonda, discussões e elaboração de outras atividades propostas pelo professor, a partir dos conteúdos propostos.

1d) Rotação Individual - o aluno tem uma lista de propostas que devem ser executadas para atendimento ao seu desenvolvimento pessoal, de acordo com suas necessidades, após diagnóstico do que deve estudar. É chamada de Rotação Individual, justamente, porque o atendimento é individualizado e os conteúdos não são dados de forma massiva a todos. O atendimento é customizado.

A aprendizagem invertida opera a partir do pressuposto de que a cobertura de conteúdo ocorre principalmente fora da sala de aula e deve ser uma tarefa compartilhada com os alunos ao invés de um trabalho exclusivo do professor. (SCHELL, 2015, p. 1)

Os modelos disruptivos são aqueles que permitem que o aluno avance sozinho e que rompa com os parâmetros até então propostos para aprendizagem. Geralmente, são mais simples de serem operados por inaugurarem algo novo, diferente de modelos tradicionais que precisam conciliar ferramentas convencionais com novas, exigindo de quem as usa diferentes *expertises*. “Se os alunos estão aprendendo em um contexto híbrido de ensino, e você não consegue imaginar onde é à frente da sala de aula, então ele provavelmente é um modelo disruptivo”. (HORN; HEATHER, 2015, p.74)

Assim, têm-se os seguintes modelos que devem permear o ensino e a aprendizagem:

2) Flex – o professor fica à disposição para atender as dúvidas dos alunos, também recebem um tratamento individualizado, de acordo com a sua necessidade, os alunos não precisam cursar o mesmo ano escolar. Pode ser um curso geral ou plano de atendimento para sanar que se precisa.

3) À La Carte – o estudante organiza seus estudos em comum acordo com o professor e farão os estudos *on-line* em horários e locais ajustados pelos envolvidos.

4) Virtual Enriquecido - a aprendizagem está dividida em *on-line* e presencial. Esses momentos são planejados pela escola e os encontros presenciais podem ser uma vez por semana. É uma proposta que não ocorre em escolas brasileiras.

Como pensar a escola, o professor e o aluno dentro da proposta de um ensino híbrido? Esse é o desafio posto, levando em consideração os pressupostos já apontados e discutidos acima e que se considere o aluno no centro do processo ensino-aprendizagem, que prime pela sua autonomia, repensando o lugar do professor, a gestão da escola, a cultura que a envolve, os espaços da escola, os recursos e a infraestrutura tecnológica, assim como a avaliação da aprendizagem. Pontos fundamentais para uma escola do Século XXI.

3 PENSAR A INSTITUIÇÃO ESCOLA, O PROFESSOR O ALUNO NUM ENSINO HÍBRIDO

Pensar em ensino híbrido é pensar no aluno no centro dessas discussões, com escola em um novo arranjo e com professores desempenhando um novo papel, como mediadores, tutores ou *designer* de currículos, onde trocam com seus pares e alunos. Outro fator de relevância é o currículo, uma vez que se podem introduzir mudanças em todos os componentes do processo ensino-aprendizagem, mas caso não se pense em outras formas de se intervir no currículo, pouco ou nada será efetivamente mudado no ensino e na aprendizagem.

Após assistir e analisar vídeos de 12 escolas que inovaram na educação, no Brasil e no mundo, veiculados numa série de programas pela TV Futura, realizado com a consultoria do Instituto Inspirare, em parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI), intitulado “Destino: Educação – Escolas Inovadoras” cabe um registro que a tecnologia perpassa as atividades da escola, mas cada uma tem seus diferenciais, impressos em seus valores e na condução de um programa efetivo de educação.

Foram reunidas experiências de alguns países, dando destaque a escolas que proporcionam um ensino e aprendizagens diferenciadas, dentre essas experiências bem sucedidas, destaca-se em um breve comentário sobre o que cada escola inova e que lições podem ser trazidas para esta discussão, embora não sejam relativas ao Ensino Superior, são extremamente significativas, pois inauguram um novo paradigma, um aluno protagonista, um professor analista e tutor e que sinaliza mudanças para um novo Ensino Superior, que dê conta da formação de cidadã planetário. A pergunta é: que formação devem as instituições de ensino oferecer para que os alunos, ao concluírem seus cursos, estejam inclusos nesse mundo de transformações tão velozes?

A viagem por essas escolas começa no Brasil, na Escola Âncora- em São Paulo, no Município de Cotia, localizado no estado de São Paulo - que atende a crianças e adolescentes da periferia; projeto que emerge da criação de uma ONG que, a princípio, acolhia alunos, oriundos de escolas públicas, para atividades, no contraturno das referidas escolas; mas, a partir de 2012, torna-se uma escola regular, e passa a oferecer Ensino Fundamental, uma vez que observam que o trabalho que era realizado culminava sem resultados práticos: quando os alunos voltavam para as escolas tradicionais, as mudanças que eram introduzidas não eram assimiladas por falta de um ambiente propício, que fortalecesse os valores, as atitudes e as concepções implícitas na forma concebida pelo Projeto Âncora.

O projeto acima possui com uma metodologia inovadora, inspirada nos princípios do professor português José Pacheco, fundador da Escola da Ponte, em Portugal, que preconiza uma escola sem aulas formais, sem provas, com o aluno no centro, com um currículo descrito por objetivos da aprendizagem, que devem ser conquistados pelos alunos, guiados por seus tutores, com um ensino personalizado, sendo que cada aluno faz o seu plano de trabalho do dia, com um uso de uma plataforma, para formalizar o trabalho do professor e do aluno, visando um acompanhamento das etapas percorridas pelos alunos.

Nessa mesma direção, citam-se as experiências da Escola Técnica Estadual Cícero Dias, localizada em Recife – Pernambuco – Brasil – que possui um programa chamado Nave (Núcleo Avançado de Educação da Oi Futuro), que é uma parceria pública e privada com a Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco, em que a Oi Futuro oferece a infraestrutura tecnológica, e a Secretaria apoia, alocando os professores do Ensino Médio Regular e os funcionários da parte administrativa, enquanto para suprir a parte pedagógica tecnológica são contratados parceiros do SESI e da Oi Planet.com.

São ofertadas vagas para os cursos de Jogos Digitais e Multimídia e Programação para Jogos Digitais, com ênfase em *designer*, cursos integrados ao Ensino Médio, uma vez que a



escola acredita na formação plena do indivíduo, não numa formação somente voltada para o mercado de trabalho. A arquitetura do prédio da escola e seus 6 (seis) laboratórios foram pensados, visando à integração da teoria e da prática e como um facilitador da aprendizagem.

O espaço destinado aos professores é bem equipado com recursos tecnológicos para que possam aprimorar suas práticas e discutir o processo ensino-aprendizagem. Os professores especialistas também são educadores orientadores de times, que são formados de acordo com os perfis dos alunos e desenvolverão todos os trabalhos da escola, no âmbito educativo, assim como no cognitivo. Estes orientadores discutem tanto os problemas do grupo, no tocante aos trabalhos, como os problemas interpessoais dos alunos, por meio de encontros, de um diário de bordo e pelo *WhatsApp*. Orientam os alunos a trabalharem em grupo.

As aulas são focadas em projetos, e o Ensino Médio alimenta os cursos de Jogos Digitais e Multimídia, com abastecimento de conteúdos que serão trabalhados por temáticas nas disciplinas técnicas de Jogos Digitais para que os alunos elaborem seus artefatos, filmes, aplicativos e jogos. Os professores de humanas ajudam na reflexão da criação de uma consciência cidadã para que o trabalho realizado por cada equipe impacte na vida dos alunos e na realização de projetos para a comunidade local.

Essa mesma experiência foi reprisada no Colégio Estadual Leite Lopes, localizado na Tijuca, Zona Norte do Rio, Brasil, por meio do Projeto Nave – Núcleo Avançado de Educação da Oi Futuro – nos mesmos moldes da Escola Estadual Técnica Cícero Dias de Recife, ao integrar Ensino Médio regular com Ensino profissionalizante, sendo que a Oi Futuro dá suporte tecnológico para desenvolvimento de projetos integrados, que rompem com a escola tradicional.

A Oi Futuro, por meio do seu centro de pesquisa, produziu, junto com as escolas que fazem parte desse projeto, uma revista chamada NAVE que relata as experiências das escolas, objetivando publicá-las para que possa servir de modelos bem sucedidos para outras instituições de ensino. Essa parceria do público com o privado são formas de alavancar a educação e todos ganham com tal atitude.

Já na Escola High Tech High em Chula Vista, na Califórnia, EUA - é formada por 3 (três) escolas de Ensino Médio, 2 (duas) escolas de Ensino Fundamental e 2 (dois) Pré-Escolares, uma escola pública de gestão privada, que desenvolve o processo ensino-aprendizagem por projetos interdisciplinares, vinculados a problemas reais e, geralmente, de autoria de dois professores. As salas possuem paredes que se abrem para aulas simultâneas e a principal ideia é aprender fazendo. São utilizados os mais diferentes recursos para o desenvolvimento dos projetos.

Os alunos trabalham em grupos, com muita discussão e interação entre eles, o atendimento ao aluno é personalizado, isto é, o aluno é atendido em sua necessidade, com acompanhamento por parte do professor, ao logo dos 4 (quatro) primeiros anos, até alcançarem outros níveis de independência. O professor é um planejador e um medicador na construção do conhecimento, ele possui autonomia para propor os projetos com seus pares.

No tocante aos projetos, como um dos valores trabalhados pela escola, é o da sustentabilidade, vivenciada na prática, com painéis solares no teto da escola, com horta com produtos orgânicos para consumo da comunidade escolar. Trabalham, no campo, na marcenaria, nos laboratórios ou em salas que possibilitem a reunião por grupos e o uso da tecnologia, diversos projetos que fazem interface com a comunidade local e assim constroem um sentimento de pertencimento e de responsabilidade social.

A fim de dar visibilidade e interagirem com o mundo real, a escola proporciona um relacionamento com as empresas, que é realizado por um aluno, denominado (Gerente de Negócios) que negocia os projetos dos alunos para que consigam investidores para comprarem



seus referidos projetos. No final do semestre, apresentam, publicamente, os resultados alcançados à comunidade interna e externa.

Na Inglaterra, cita-se a Bath Station School, que oferece Ensino Médio Profissionalizante, seu criador fez uma pesquisa e detectou que a indústria da mídia criativa estava crescendo muito e a partir dessa informação, resolveu inovar, trazendo para a escola um clima de empresa, em que os alunos poderiam experimentar, em seus diferentes cursos de *Business*, Fotografia, Transmissões Jornalísticas e TI em Mídia Criativa, e, para isso, criaram parcerias com os profissionais da mídia local, que participavam com entrevistas, palestras e suporte técnico para determinadas atividades.

A Escola combina educação vocacional, com educação acadêmica e profissional. A escola traz as incubadoras para apoiarem seus alunos para a transição do mundo acadêmico para o mundo do trabalho. O lema é sair da zona de conforto, ter liberdade de criar ideias e compartilhá-las.

Nessa escola, os alunos do 10º ao 13º anos escolares são tratados e se relacionam com seus professores como se fossem profissionais, os meninos vão de terno e as meninas vão de saias ou vestidos, vão trajados como se estivessem em seus ambientes de trabalho. Usam os espaços da escola com muita responsabilidade, para realizarem suas atividades. Encontram-se com seu tutor para o acompanhamento do seu desenvolvimento pessoal, de habilidades que estão faltando para o mercado de trabalho e para a aprendizagem acadêmica, quando recebem orientações sobre seus desempenhos para superarem as dificuldades e saberem gerenciar seus conflitos.

Na Colômbia, a Escola Fontán, em Chía – tem-se uma escola privada, fundada em 1985, em Bogotá, criada e desenvolvida pelos educadores Emilia García de Fontán e Ventura Fontán, desde 1957, que atende desde Educação Infantil ao Ensino Médio. Não há quadros nas salas de aula e prima pela autonomia do aluno com liberdade para escolher como vão realizar seus trabalhos e escolherem suas atividades extraclasse do seu interesse.

Os alunos estudam em suas mesas individualizadas, que se assemelham a uma cabine, e também em grupo; com a assistência de analistas, escrevem seus planos de estudo e, à medida que avançam, vão conversando com o seu tutor para redimensionar os estudos necessários a cumprir as diferentes etapas. Devem passar por 7(sete) oficinas (salas de estudo) que se situam no *campus*, com cinco analistas em cada uma dessas oficinas, os alunos com seus computadores se dedicam às atividades de pesquisa.

Uma das mudanças requeridas pela escola é que o aluno entenda a razão do seu aprendizado, o motivo pelo qual está no colégio. Para avançar nas oficinas, o aluno é avaliado pelos seus analistas e seu desempenho é acompanhado de casa pelos pais, via plataforma *WEB*. Também são realizadas reuniões entre aluno, pais e tutor para verificar o avanço do filho.

A escola trabalha com dois planos, o do tutor e o plano individual por área do conhecimento, usando a plataforma *QUINO*, que visam a construção do conhecimento e a mudança de atitude por parte do aluno, que deve tornar-se responsável por seu avanço e pelo controle do seu tempo. Nesse sistema, o aluno é comparado com ele mesmo, em relação aos seus próprios avanços, e não em relação aos seus colegas.

Outra escola é a Ross School, nos EUA, escola privada da Educação Infantil ao Ensino Médio, fundada em 1991, por Courtney e Steven J. Ross, com 765 alunos, tendo sua concepção fundada na “teoria das inteligências múltiplas”, desenvolvida por Howard Gardner. Possui dois *campi*, um em East Hampton e outro em Bridgehampton. Existe um internado para os alunos que vem dos mais diferentes países. A escola é composta por vários prédios e cada prédio acolhe discentes de determinados anos escolares e com propostas curriculares diferenciadas.

O currículo é em espiral, tem uma sequência narrativa, tomando por base os períodos da História Universal, isto é, falar Renascimento é, por exemplo, falar de Isaac Newton e Galileu



Galilei, na física e na matemática; assim, todos os conteúdos são desenvolvidos, tomando por base os acontecimentos das civilizações ocidental e oriental, propiciando o desenvolvimento de um currículo interdisciplinar que integra: artes, escrita, literatura, saúde, bem-estar e uso de tecnologia, com aplicação em projetos interdisciplinares, tendo como elemento propulsor a discussão de problemas locais e globais.

A escola possui vários laboratórios para a concretização da proposta curricular, dentre eles: o laboratório de prototipagem (*maker spaces*) ou o laboratório de Inovação (aula de robótica, impressão 3D, biologia marinha e ecologia), em que os alunos vão desenvolver projetos relacionados às disciplinas ou projetos de interesse pessoal, nas áreas de ciências, matemática, engenharia, mídia e tecnologias, visando ao desenvolvimento de habilidades em eletrônica, programação e mídia digital. Além de oferecer aulas de música, esportes, dentre eles a Academia de Tênis. Os alunos fazem apresentação um projeto final, como culminância de seu curso, apresentando-o publicamente.

A experiência do Reino Unido é na E3 Civic High School, em San Diego, nos Estados Unidos, com 500 alunos, escola pública de gestão privada, que recebe financiamento dos Governos Estadual e Federal. Fica localizada, no centro da cidade, com oferta do 9º ano ao Ensino Médio de 4 (quatro) cursos diferentes; uma escola dentro de uma biblioteca de nove andares, que congrega alunos de diferentes origens econômicas, sociais, educacionais; que utiliza uma metodologia baseada em projetos, relacionados com temáticas do seu entorno; com tendências para as questões sociais que garantem aos professores mais liberdade e flexibilidade no currículo; que possibilita o desenvolvimento de habilidades intelectuais e técnicas dos alunos a partir da investigação e de seus engajamentos, na resolução de problemas e com desafios práticos.

Possui flexibilidade de gestão, pois contrataram seus professores e utilizam a pedagogia de projetos. Dentro do ensino híbrido, fazem aulas invertidas e com o uso de diferentes ferramentas do *Google Education* (*Drive, docs, blog, chat, photoshop, indesign*) para a dinamização das aulas e para a construção do conhecimento.

Os professores são facilitadores do processo ensino-aprendizagem, auxiliam os alunos para que percebam suas habilidades e tomem boas decisões na escolha de cursos universitários que correspondam aos interesses destes, assim como os discentes assistem palestras de esclarecimentos sobre suas futuras profissões e ainda realizam testes vocacionais, que são aplicados para orientar o aluno para o mercado de trabalho. Há uma plataforma alimentada com as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas e que direcionam a aprendizagem dos discentes e onde os professores e alunos acompanham seus desempenhos.

Na Dinamarca, a instituição a Escola Orestad Gymnasium, em Copenhague, no Distrito de Orestad, é uma escola pública com 1.100 alunos, divididos em 3 anos do Ensino Médio, com um perfil voltado para a mídia, uma vez que estão rodeados de empresas como a Companhia de Televisão Dinamarquesa, a Rádio Dinamarquesa, a Universidade de TI e companhias com perfil de mídia. Ao entrarem na escola, os alunos cursam 6 (seis) meses de ensino introdutório, composto pelas mesmas disciplinas e, depois, de acordo com as áreas do conhecimento: Ciências Naturais, Humanas, Ciências Sociais e Artes, que estão divididas em 10 linhas de estudo, os alunos fazem sua opção, com vistas aos cursos das universidades. Por exemplo, um aluno que escolhe realizar estudos em globalização, é porque aspira ser advogado.

As aulas são dinamizadas de várias formas: com aulas tradicionais, quando os alunos estão em atividades com os professores, que os orientam a respeito do material que já está na plataforma; possuem estudo individualizado, com o uso de seus *laptops, tablets* ou celular, todos os materiais estão disponibilizados no *Google Education*; acessam os materiais e em caso de dúvida recorrerem aos tutores; realizam trabalhos em grupo e trabalham por projetos e estudo de caso em situações reais com a colaboração de parceiros externos. Os projetos



interdisciplinares são elaborados a partir de temas, e os conteúdos a serem explorados estão aí implícitos.

A ideia é trabalhar profundamente determinados assuntos e não ficar na superfície, uma vez que não se pesquisa e, muitas vezes, não há o entendimento de como aqueles princípios enunciados podem ser utilizados no cotidiano. Um exemplo, é quando os alunos da linha de jornalismo elaboram um trabalho de entrevista para praticarem os conhecimentos nesta área. Realizavam um programa de auditório e os demais colegas participavam como plateia. Eles fazem um *network*, visitam e trabalham com empresas que possam contribuir no desenvolvimento de competências e habilidades pessoais e profissionais.

Já na Finlândia, a experiência inovadora é da Ritaharju, em Oulu, inaugurada em 2010, é uma escola pública de Ensino Infantil e Fundamental, tem como diferencial o uso da tecnologia e a socialização. A escola é um centro comunitário, que inclui biblioteca, creche e serviços para a juventude e estes funcionam em alta sinergia. O projeto da escola foi criado e é desenvolvido em parceria com a Microsoft no projeto de escolas inovadoras *Partners in Learning*.

Possui ambientes flexíveis e paredes móveis, que permitem serem divididas em grupos grandes e pequenos para a realização das aulas, propiciando a colaboração entre professores de diferentes disciplinas e turmas; os conteúdos estão *on-line*, numa plataforma chamada WILMA, desenvolvida pela escola e empresas. Eles trabalham em duplas ou em grupos, previamente determinados pelos professores, pois são organizados por perfil; os alunos não se escolhem, pois inclusive precisam aprender com colegas com os quais não se relacionam. Participam dos mais diferentes projetos, com profissionais de mais de uma área, assim como professores de Ensino Fundamental, da Educação Infantil e Assistentes de necessidades especiais.

Na Holanda, a Escola Steve Jobs é uma escola pública que atende crianças de 4 a 12 anos, do Ensino Fundamental. Não existem aulas, estudam juntas em dois diferentes grupos de cerca de 25 crianças, um para alunos de 4 a 7 anos; e outro para alunos de 8 a 12, em espaços abertos para que os estudantes possam aprender em seu ritmo e nos ambientes de sua preferência. Eles participam de diferentes atividades educacionais como: jogar, socializar-se com os colegas, receber tutoria de um professor, fazer esportes, praticar artes e estudar cultura.

Existem plataformas para apoiar a personalização da programação diária de cada criança e o acompanhamento do seu percurso e desempenho, com a participação do aluno, dos pais e do mentor. *Ipads* individuais estão disponíveis para o uso de todos os alunos e professores na escola e fora dela. Usam as ferramentas virtuais como o sCoolProjects e o sCoolSpace, a primeira ferramenta é para estudar, jogar, compartilhar trabalhos, preparar apresentações e para se comunicar, sob a supervisão de um mentor; e no segundo, tem-se acesso a outras área da plataforma para navegação, em que o aluno pode encontrar-se com os colegas e com seus tutores a partir de qualquer lugar físico.

Na Índia, a Escola Riverside, localizada na cidade de Ahmedabad, sétima maior área metropolitana indiana, é uma escola privada que oferta Ensino Infantil, Fundamental e Ensino Médio e prioriza a construção do caráter e da formação integral do aluno, essa atitude está ligada à própria história da Índia em como a sociedade foi constituída por castas. A escola está muito compromissada a fim de que todos possam ser tratados igualmente e para tanto priorizam o desenvolvimento de projetos de caráter social, devido à pobreza, a falta de saneamento básico, as condições higiênicas. Embora a Índia tenha desfrutado de um crescimento econômico rápido a partir de 1991, ainda há muito pobreza, analfabetismo, violência de gênero e desnutrição.

Utilizam a tecnologia para o desenvolvimento de projetos e também oferecem cursos para os pais na área de informática para que acompanhem seus filhos. Os alunos são educados para autonomia e solidariedade, que sejam capazes de reivindicar seus direitos, mas não



perdendo de vista o dever; sejam flexíveis e respeitosos; vivam em harmonia consigo, com os outros e com o ambiente.

Semelhantes em alguns aspectos com a Escola Riverside, tem-se, na Argentina, Escola La Cecilia, em Santa Fé, Escola Privada, localizada na Zona Rural, situada em um bosque; atende a classe média, possui bolsas de estudo para um público carente. Os alunos, ao chegarem à escola, precisam ter um compromisso de não consumo de cigarro, bebidas alcoólicas e drogas. Um dos seus diferenciais acontece no início do dia escolar: os alunos, professores, diretores e funcionários se reúnem numa sala para meditação e só depois há informes e como serão as atividades escolares. A gestão da escola é compartilhada, realizam assembleias para a tomada de decisão em função dos problemas que surgem, onde todos podem se manifestarem a respeito dos assuntos da escola.

No tocante à metodologia, tomam por base os princípios da Escola Nova, inspirados em John Dewey, dividem os alunos por níveis, sem agrupamentos por séries e os discentes, consideram nível 1 - Ensino Primário abarca da Educação Infantil até o 7º ano; e o ensino secundário até 18 anos. A escola tem como missão a autonomia dos alunos. As salas de aulas são abertas e os alunos são direcionados para oficinas de acordo com suas necessidades, que são de: artes plásticas, música, autoconhecimento e de nutrição (comida vegetariana). Os professores também trabalham por meio de projetos interdisciplinares com uso da tecnologia.

4 CONCLUSÃO

Em síntese, as escolas que buscam um novo fazer pedagógico, trabalham por projetos ou estudo de caso; o ensino é personalizado, com atendimento individualizado ao aluno, ou em grupo, dependendo da concepção da instituição; com professores no papel de tutores ou mediadores; com o uso da tecnologia por meio de plataformas e com uso de *tablets*, *ipads*, *notebooks* ou computadores. São também utilizados os laboratórios tanto para as aulas, como para que os alunos desenvolvam seus projetos pessoais.

As instituições de ensino perseguem, em suas missões, um cidadão global, inovador, criativo, autônomo, capaz de efetuar suas escolhas com propriedade e que possam empreender para o resto da vida; com uma proposta de ensino, sintonizada com o mundo real; com o desenvolvimento de competências e habilidades que modifiquem suas vidas pessoais e profissionais. Isto é, aprender fazendo.

Inovar é adaptar os processos às questões da sociedade contemporânea, mudar a forma de tratar o conteúdo e a visão que se tem do aluno e, para isso, se faz necessário um novo paradigma disruptivo, em que as coisas não estão prontas e será necessário buscar a resposta; que os alunos sejam capazes de inventar o futuro, estejam motivados e que sejam envolvidos pelas propostas desafiadoras elaboradas pela escola. Um lugar onde se quer estar pelas atividades propostas, não somente no campo intelectual, mas porque é um lugar de oportunidades e de desenvolvimento pleno do sujeito.

Assim, será necessário ter clareza das competências para o Século XXI que passa pelos conhecimentos, habilidades e atitudes que são requisitados para a vida contemporânea; a personalização com construção de estratégias educativas que atendam aos interesses, ritmo e formas de aprender de cada aluno, cada vez mais apontando para um modelo híbrido, a experimentação a partir de vivências práticas, por meio da elaboração de projetos que falam do mundo real; os lócus de aprendizagem que são os mais diferentes espaços, não mais restritos às salas de aula e as parcerias com o envolvimento da comunidade (civil e empresarial) em relação aos projetos desenvolvidos pela escola.

5 REFERENCIAS:

BACICH, L; NETO, A.T.; TREVISANI, F.M. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto alegre: Penso, 2015.

BIN, A.C. *Concepções de conhecimento e currículo em W. Kilpatrick e implicações do método de projetos*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/ANA_CLARA_BIN_rev.pdf >. Acesso em: 20 abr. 2018.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 31 maio 2014.

BRASIL, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 31 maio 2014.

BRASIL, Lei nº 13.005. *Plano Nacional de Educação*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm> Acesso em: 31 jul. 2014.

CHRISTENSEN, C.M.; HORN, M. B.; STAKER, H. *Ensino híbrido: uma inovação disruptiva? uma introdução à teoria dos híbridos*. Pensilvânia: Fundação Lehman/Instituto Pensilvânia, 2013.

DESTINO: *Educação escolas inovadoras*, episódio 01: Projeto Âncora Brasil. Documentário Inspirare, SESI e Canal Futura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kE6MlnwML8Y>> Acesso em: 21 abr. 2017.

DESTINO: *Educação escolas inovadoras*, episódio 02: Bath Studio School (Inglaterra). Documentário Inspirare, SESI e Canal Futura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QFyDWb3z0Ks>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

DESTINO: *Educação escolas inovadoras*, episódio 03: Colégio Fontán Capital (Colômbia). Documentário Inspirare, SESI e Canal Futura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z9Vg0T99Olw>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

DESTINO: *Educação escolas inovadoras*, episódio 04: Acesso em: Orestad Gymnasium. Documentário Inspirare, SESI e Canal Futura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BU4V_Un4vk4>. Acesso em: 21 abr. 2017.

DESTINO: *Educação escolas inovadoras*, episódio 05: E3 Civic High School (EUA). Documentário Inspirare, SESI e Canal Futura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xfEST7u7nMY>>. Acesso em: 21 abr. 2017.



DESTINO: *Educação escolas inovadoras*, episódio 06: Riverside School (Índia). Documentário Inspirare, SESI e Canal Futura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4otPjgKQktE>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

DESTINO: *Educação. escolas inovadoras*, episódio 07: High Tech High. Documentário Inspirare, SESI e Canal Futura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rP6jVBKM1jA>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

DESTINO: *Educação escolas inovadoras*, episódio 08: Steve Jobs School (Holanda). Documentário Inspirare, SESI e Canal Futura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0FVM5Wv-DDU>>. Acesso em: 21 abr 2017.

DESTINO: *Educação escolas inovadoras*, episódio 09: Ross School (EUA). Canal Futura. < <https://www.youtube.com/watch?v=xMEd9iZNxVQ>>. Documentário Inspirare, SESI e Canal Futura. Disponível em < Acesso em: 21 abr. 2017.

DESTINO: *Educação escolas inovadoras*, episódio 10: La Cecilia (Argentina). Documentário Inspirare, SESI e Canal Futura .Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z4qk6klwTU>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

DESTINO: *Educação escolas inovadoras*, episódio 11: Ritaharju School (Finlândia) Documentário Inspirare, SESI e Canal Futura. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=vQpOAEYZqWU>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

DESTINO: *Educação escolas inovadoras*, episódio 12: Escola Nave (Brasil). Documentário Inspirare, SESI e Canal Futura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c1gYpLloYis>. Acesso em: 21 abr. 2017.

DEWEY, J. *A escola e a sociedade e a criança e o currículo*. Portugal: Relógio D'Água, 2002.

HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de Trabalho Porto Alegre*: Artes Médicas, 1998.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. *A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio*. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HORN, M.B; STAKER H. *Blended: usando a Inovação disruptiva para aprimorar a Educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

JAMES, W. *Pragmatismo*. Tradução Jorge Caetano da Silva. SP: Martin Claret, 2006.

KILPATRIK, W. H. *O método de projeto*. Viséu: Livraria Pretexto e Edições Pedagogo, 2006.

MORAN, J. *Mudando a educação com metodologias ativas*. [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações



ovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofélia Elisa Torres Morales (Orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf.

Acesso em: 17 jan. 2017.

MORIN. E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. Sa Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2011.

PERRENOUD.P. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SILVA, T.T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

SCHELL, J. *Sete mitos sobre sala de aula invertida*. Disponível em: <http://blog.peerinstruction.net/7-mitos-sobre-a-sala-de-aula-invertida-desmitificados/>
Acesso em: 30 out. 2015.